



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

## DIALOGISMO, RELAÇÕES DIALÓGICAS E A PALAVRA COMO UNIDADE SÍGNICA: PRINCÍPIOS NORTEADORES DA TEORIA BAKHTINIANA



## DIALOGISM, DIALOGICAL RELATIONS AND THE WORD AS A SIGNICAL UNIT: GUIDING PRINCIPLES OF BAKHTINIAN THEORY

Antonio Victor Silva BOMFIM  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 05/04/2022 • APROVADO EM 01/02/2023  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.202>

---

### Resumo

---

As pesquisas no campo dos estudos bakhtinianos por muitas vezes detêm-se no dialogismo, trazido como sinônimo de vários diálogos/vozes no interior do discurso. Neste artigo, porém, propõe-se discutir não só o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, mas também as relações dialógicas, isto é, uma metodologia/epistemologia da Análise Dialógica do Discurso (ADD) que concebe as relações de alteridade que ocorrem em diferentes modalizações enunciativas e, é nesse íterim que o presente trabalho estabelece uma in(distinção) conceitual dos termos. Na mesma seara, a Metalinguística, defendida por Bakhtin, em *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929), contribuiu de forma precípua na construção de uma estética filosófica que põe o eu e o outro em incessante diálogo, refutação e inconclusibilidade que confluem, em suma, a uma análise da palavra como representação sígnica, que adentra no contexto semântico-ideológico e assume diferentes matizes valorativos em um dado contexto comunicacional. A análise empreendida neste trabalho, de tipologia qualitativa, está pautada, para além dos princípios teórico-metodológicos de Bakhtin (1929; 1997; 2010; 2013) e Volóchinov (2017;

2019), apoia-se em Brait (2013), que aponta para a verbo-visualidade, Kristeva (2012) que pontua a intertextualidade, Stella (2005), o qual assevera a palavra sígnica, dentre outros teóricos/as teorizados no decorrer do trabalho.

---

## Abstract

---

Researches in the field of Bakhtinian studies often focus on dialogism, brought as a synonym for various dialogues/voices inside the discourse. In this article, however, it is proposed to discuss not only dialogism as a constitutive principle of language, but also dialogic relations that is a methodology/epistemology of Dialogical Discourse Analysis (DDA). That conceives the alterity relations which occur in different enunciative modalizations and, it is in this context that the present work establishes a conceptual in(distinction) of the terms. In the same field, Metalinguistics, defended by Bakhtin in Problems of Dostoevsky's Poetics (1929), contributed in a fundamental way to the construction of a philosophical aesthetic that puts the self and the other in unrelenting dialogue, refutation, and inconclusiveness that converge in short to an analysis of the word as a sign representation, which enters the semantic-ideological context and assumes different evaluative nuances in each communicational context. The undertaken analysis in this work of qualitative typology is guided in addition by the theoretical-methodological principles of Bakhtin (1929; 1997; 2010; 2013) and Voloshinov (2017; 2019), based on Brait (2013), who points out the verb-visibility, Kristeva (2012) who punctuates intertextuality, Stella (2005), who asserts the word sign, among other theorists, theorized in the course of the work.

---

## Entradas para indexa o

---

**Palavras-chave:** Bakhtin e o Círculo. Rela es dialógicas. Signo. Análise Dialógica do Discurso.

**Keywords:** Bakhtin and the circle. Dialogic Relations. Sign. Dialogical Discourse Analysis.

---

## Texto integral

---

### Introdu o

Em primeiro momento, ancorado no contexto soviético russo, discorro como Bakhtin e o Círculo tecerem algumas de suas obras, a exemplo *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (doravante MFL, de 2017), que, a partir de tradu es e de incessantes discussões de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, atribui-se a autoria ao pensador Valentin Volóchinov. Pontuo também a obra *Problemas da obra de Dostoiévski* (doravante POD, de 1929), de Mikhail Bakhtin, a qual marca de forma indelével os estudos literários, mas também linguístico e,   nessa seara que a se o se propõe: dissertar a proposta metodológica da Metalinguística trazida por Bakhtin na referida obra.

Em segundo momento, sob o viés da recep o da teoria bakhtiniana na Europa Ocidental, sobretudo na França, discorro como o dialogismo bakhtiniano foi equiparado teoricamente   intertextualidade defendida por Julia Kristeva, trazendo consequências não são no campo conceitual da teoria, mas refletindo e incorporando nas diversas pesquisas acad micas no Brasil, nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) e nos manuais didáticos de Língua Portuguesa. Ademais, explicitada tal incorre o conceitual, discorro os termos dialogismo e rela es dialógicas, na tentativa de evidenciar que, enquanto um é o princípio constitutivo da linguagem, o outro se apresenta como uma metodologia da linguagem pertinente ao escopo da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Por fim, tomo como acepção a palavra a partir da representação sígnica da linguagem, categorizando-a em diferentes modalizações discursivas. Para isso apresento, de modo sucinto, como a filosofia da linguagem, a partir de Wilhelm Von Humboldt e Karl Vossler, foi crucial na estética filosófica de Bakhtin e, neste ponto, a de Volóchinov. Tal seção mostrará que, para além de conceituações simplistas, a palavra, que muitas vezes é neutra, quando dotada de valor sígnico, passa a assumir diferentes funções ideológicas e valorativas em dado contexto comunicacional.

## 1 Bakhtin e o Círculo: construção da filosofia ética e estética

Mikhail Bakhtin é um dos teóricos russos mais citados no campo da ciência das linguagens e no campo interdisciplinar – educação, psicologia, história, antropologia –, entre outras áreas que se dedicam a estudar esse teórico no século XXI. Nos cursos de Letras nas universidades públicas do Brasil, os recém-egressos têm uma quebra de paradigma com o ensino tradicional visto no Ensino Médio. Agora, a linguagem é vislumbrada pela questão sígnica da palavra, pelo menos na acepção bakhtiniana, com o estudo de um dos primeiros teóricos introduzidos nas ementas dos cursos de Letras, sobretudo a partir de matérias basilares, a exemplo de Linguística e Teoria Literária.

Na literatura, por exemplo, Bakhtin é muitas vezes estudado pelas suas obras *Estética da criação verbal* (1997) e *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (2010), nas quais são abordados temas centrais na compreensão do teórico, como a ideia de autor-personagem e autor-criador; a ideia do herói e do dialógico que estes estabelecem com o outro (a réplica); o excedente da visão estética; os gêneros do discurso; a estilística; o crotonopo; entre outros elementos que serão cotejados em diferentes perspectivas, reedições e traduções.

Por outro lado, na linguística, a obra *Curso de Linguística Geral* (2012), de Ferdinand Saussure, marcou e marca de forma indelével os estudos introdutórios da Linguística Moderna, sendo mencionado por vezes como uma “bíblia” pelos estudantes de Letras. A Bakhtin, quando se quer enveredá-lo pelo viés linguístico nas ementas e disciplinas dos cursos, nós, professores e pesquisadores, muitas vezes recorremos a artigos que versam sobre o dialogismo, o signo linguístico, a esfera socioaxiológica, arquitetônica, entre outros conceitos que diferentes pesquisadores estudam e que ajudam aos alunos a situar-se no contexto de produção, circulação e recepção da teoria bakhtiniana.

Há de se dizer, entretanto, que tais formas metodológicas e conceituais em torno da teoria bakhtiniana vêm se alterando nos cursos de Letras, resultado visível de uma nova concepção de tradução e (ree)edição dos livros. Na literatura, já temos as obras *A teoria do romance I, II e III* da Editora 34 e de tradução direta do russo da pesquisadora Sheila Grillo (USP) e Ekaterina Vólvoka Américo (UFF), as quais trazem um primoroso ensaio introdutório, prefácio, notas e um Bakhtin fidedigno quanto aos seus escritos e sua autoria. Na linguística, temos *MFL*, atribuída e sanada a autoria a Valentin Volóchinov, embora as pesquisadoras tragam a inegável contribuição do Círculo de Bakhtin, que adentra nos cursos de Letras como uma possibilidade de pesquisa em ADD.

Bakhtin, que nasceu em Orel, pequena cidade ao sul de Moscou, vivenciou desde muito cedo a poliglossia (variedade de línguas), o que marcou de forma precípua seus estudos. Seu primeiro texto, intitulado *Arte e responsabilidade* (também chamado de *Arte e responsividade por uma questão de cunho teórico* abarcado por Bakhtin), de 1919, chama a atenção para a indissociabilidade entre arte, vida e ciência que, segundo ele, são aspectos inerentes ao indivíduo, mas que são vivenciadas de modo diferente por

cada sujeito inserido em uma dada situação histórico-social. O referido ensaio é um marco na teoria bakhtiniana, ao pôr em voga uma discussão filosófica do ser, do ato ético, da responsividade – questões fundantes na sua filosofia da linguagem.

Na época da então União Soviética, era comum, por parte dos estudantes, pesquisadores e professores, formarem grupos de estudos/pesquisa com o intuito de discutir textos de cunho político, social, marxista, entres outros. Nesse cenário, em 1919, em Nevel, iniciou o grupo de pesquisadores russos, que inicialmente foi chamado de Seminário Kantiano ou Círculo de Nevel, e que, posteriormente, viria a ser conhecido como Círculo de Bakhtin – do qual fizeram parte Bakhtin, Volóchinov, Medvedev, Kanaev, Kagan, Pumpianskii, Sollertisnki, Zubakin, Vaguinov e Yudina. Bakhtin foi o integrante do grupo a viver mais tempo, por este motivo, a figura dele é de grande relevância, além da descoberta, na década 1960, de textos em sua autoria ainda não traduzidos.

Considerando o contexto político-social soviético e a contribuição do Círculo bakhtiniano para as teorias das linguagens, assevera Paula (2013)

O Círculo de Bakhtin situa-se no contexto da episteme soviética, especialmente nas décadas de 20 e 30 do século 20. Inicialmente, não podemos falar do Círculo sem mencionar a importância da amizade entre seus membros Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, entre outros (não menos importantes) e seus escritos teórico-filosóficos, às vezes construídos a mais de duas mãos e, alguns, por meio de trocas de identidades sob pseudônimos, como forma de resistência à visão totalitária do stalinismo (PAULA, 2013, p. 243).

No excerto acima, Paula (2013) aborda uma questão fundamental para pesquisadores e estudiosos de Bakhtin e o Círculo: a autoria das obras. Tal questão tem suscitado alguns apontamentos em diferentes vertentes por parte de alguns pesquisadores pelo Brasil —, a exemplo de Sheila Grillo e Beth Brait, que trabalham, nesse ínterim, com a hipótese da relação metodológica e ideológica dos membros do círculo, entretanto, há de se falar das diferentes traduções, algumas delas não postas em voga a questão da autoria, haja vista que muito dos textos de Bakhtin foram descobertos e traduzidos de forma tardia.

O exemplo do supracitado é o livro *MFL*, traduzido na década de 1970 da versão em francês, traz em seu título a autoria dada tanto ao Bakhtin quanto ao Volóchinov – atualmente, com a tradução direta do russo feita por Grillo (2017), a autoria, já sanada, é atribuída a Volóchinov, embora a tradutora reconheça as contribuições teórico-metodológicas dos demais membros do Círculo.

Para Sobral (2009), as ideias do Círculo não só se restringem ao campo literatura, embora Bakhtin vá da literatura/cultura para as ciências sociais/filosofia e é nesses pares de análises que Bakhtin vê a necessidade de fundar uma nova base de pensamento no campo da linguística – a Metalinguística – que surge já em *POD* como uma episteme metodológica que se interessa primordialmente nas relações dialógicas e na palavra bivocal, isto é, nas manifestações axiológicas-semânticas que se estabelecem *a priori* entre o eu e o *outrem*, e também entre o próprio sujeito, embora Bakhtin advirta que esta categoria extrapola o campo da Metalinguística (GRILLO, 2006).



Assim, Bakhtin imbuído do entendimento filosófico e ético do ser e estar no mundo, busca sustentação da fenomenologia e do neokantismo<sup>1</sup>, centra sua abordagem nas formulações do ser, do ato ético, nos gêneros do discurso, no diálogo, no Humanismo, na cultura popular, na linguagem e na proposição de uma nova corrente, então denominada de *Metalinguística*, que ganha a tônica na segunda edição, *Problemas da poética de Dostoiévski* (doravante PPD, de 1963), sobretudo no último capítulo “O discurso em Dostoiévski”, publicado em 1963, em que Bakhtin introduz os procedimentos e sistematiza de forma ampla um momento crucial na ciência da linguagem: a passagem do método sociológico para o método dialógico.

Nessa passagem para o método dialógico em Bakhtin, observamos a construção de uma síntese bakhtiniana propriamente formulada, mas não acabada. Nesse contexto, na concepção de linguagem bakhtiniana, são improdutivas as relações dialógicas e enunciativas que se fincam na relação tese-antítese-síntese, isto é, redutíveis, heterogêneas e fechadas em si; ao contrário, para o teórico, as relações produtivas devem ser baseadas em tese-tese-antítese, que supõe uma permanente atividade de inconclusibilidade e de refutação ou, por ótica semelhante assevera Sobral (2009),

Nesse sentido, o Círculo [de Bakhtin] trabalha com a interação entre o dado (o sensível do mundo) e o postulado (o inteligível), o singular e o universal, a materialidade e a criação simbólica, o ponto de vista ‘interno’ e o ponto de vista ‘externo’, *numa interação sempre irresoluta e, por isso, mais produtiva*, sem demérito para outras abordagens, mas sempre em busca de superar as ênfases excessivas ou que ficam aquém do objeto (SOBRAL, 2009, p. 136, grifos meus).

Sob esse prisma, a teoria bakhtiniana coloca-se em incessante confronto e embate com os fundamentos filosóficos que norteiam a relação entre o eu-para-mim, o outro-para-mim e do eu-para-o-outro. A *Metalinguística*, como vista, extrapola os limites da linguística, à medida que centra sua análise não apenas na língua, mas nas relações dialógicas – gestadas à base de uma episteme, método e análise próprios que serão dissertados, de maneira introdutória, na seção subsequente.

## 2 A (in)distinção entre dialogismo e relações dialógicas: o outrem na linguagem

A difusão do pensamento bakhtiniano pelo Ocidente se deu a partir da búlgara Júlia Kristeva<sup>2</sup> em meados da década 1960-70, momento em que introduziu no ambiente francófono dois textos. O primeiro, “Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman”, (em tradução livre “Bakhtin: o discurso, o diálogo, o romance”), publicado em 1967 e no qual Kristeva aborda sua concepção de texto ancorado na concepção bakhtiniana e atribuindo a ele a noção de *dialogismo*, a qual depreendeu e traduziu como *intertextualidade*<sup>3</sup>. E o segundo texto, em 1970, *Une poétique ruinée* (Uma poética

<sup>1</sup> Embora tenha dialogado com tais correntes filosóficas, Bakhtin as abandona por considerá-las improdutivas. Posteriormente, o autor busca sustentação filosófica na abordagem marxista, em que centra suas análises da noção de estratificação – classes sociais.

<sup>2</sup> A búlgara Julia Kristeva, a partir do texto “A palavra, o diálogo e o romance” (2012 [1967]), introduz no ambiente francófono, segundo Bezerra “uma deturpação do pensamento e da teoria de Bakhtin” (2011 [2010], p. XII). Kristeva que assume ponderações estéticas pré(futuristas) – que Bakhtin e o Círculo já a rejeitavam no Formalismo Russo – estava muito mais inclinada aos teóricos franceses, como o Barthes, por exemplo, que chegou a decretar “A morte do autor”, desvinculando a obra do autor (BARTHES, 1993 [1968]).

<sup>3</sup> Nas palavras do professor e tradutor Paulo Bezerra, Kristeva incorreu em um “reduccionismo linguístico” em torno da teoria bakhtiniana (1963 [2013], p. XX). A partir de Kristeva, observa-se um enorme apelo ao significado do texto (sobretudo na obra sobre Dostoiévski e seus personagens), o que Bakhtin rejeita e

arruinada, tradução livre), no qual apresentava o teórico russo como um dos percussores mais sofisticados já introduzidos na literatura francesa.

Kristeva, inegavelmente, teve um papel precípua na difusão do pensamento bakhtiniano no Ocidente entre 1967-70, entretanto, como bem aponta o professor Paulo Bezerra, em sua tradução de *PPD* (1963), assevera a concepção genérica e homogeneizante que Kristeva obteve de Bakhtin. Observa-se em Kristeva um essencialismo dos conceitos bakhtinianos (embora com isso, reconheçamos sua influência literária sobre os leitores franceses), a partir do momento em que a autora opera sua análise sob pares análogos (circunscrito a uma determinada categoria de análise), como palavra/texto, significação/sentido, intertextualidade/dialogismo. Sob a ótica da intertextualidade, afirma Kristeva que:

[...] o dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como intertextualidade; face a esse dialogismo, a noção de “*pessoa-sujeito da escritura*” começa a se esfumçar para ceder lugar a uma outra, a da ambivalência da escritura (KRISTEVA, (2012 [1967], p. 145, grifo do autor).

Kristeva, nesse sentido, vê o texto de forma abstrata, em que as relações entre discurso e situação de enunciação são alijadas ao exterior, ao intersubjetivo – aliás, ela estabelece que o texto se relaciona de modo que instaure o apagamento do sujeito, o que contradiz o pensamento bakhtiniano ao afirmar Bezerra que “o texto é um enunciado, e por trás do enunciado existe o falante, o sujeito dotado de consciência (1963 [2013], p. XIII). A búlgara Kristeva adaptou e introduziu ao público francófono um Bakhtin, *a priori*, linguístico que, embora tal público não conhecesse, como já explicitado, sua obra incorreu em uma série de equívocos ao desconsiderar a alternância dos sujeitos e vozes no interior do discurso e com o significado do diálogo fechado em si mesmo, características intrínsecas ao pensamento bakhtiniano, fato pelo qual Bakhtin já despreza em “*Estética da criação verbal*” (1997, p.381), por entender que, embora no “significado [existe] uma potência de sentido”, este não possibilita a refutação e a compreensão de índole responsiva.

No Brasil, a recepção do conceito da intertextualidade ocorreu na incorporação feita nos documentos oficiais, a exemplo dos *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Portuguesa – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental* (BRASIL, 1998) que tomam tal conceito em função das relações estabelecidas entre os textos – e, por vezes, estagnado nisto. Explicitadas as discussões da intertextualidade, vista como sinônimo do dialogismo por Kristeva, explicitamos a seguir a (in)distinção dos conceitos, agora de cunho bakhtinianos, do dialogismo e de relações dialógicas.

No tocante ao diálogo<sup>4</sup> como ponto de partida, este não admite uma única acepção, não na teoria bakhtiniana que, além de apenas significar o diálogo face a face, tal como está dicionarizado, associa-o à replica, ao embate, à refutação, à resposta, e é o

---

pouco operou, ao considerar que este fecha a possibilidade de diálogo, encerra conteúdos e não permite a interlocução entre os sujeitos circunscrito no discurso. Em *Estética da criação verbal* (1997), o próprio Bakhtin afirma que “o significado está excluído do diálogo [...] mas abstraído dele existe uma potência de sentido”, cujo princípio é tornar o diálogo em mera abstração comunicativa, ou seja, fechada em si mesma, tese essa que Bakhtin refuta.

<sup>4</sup> Bakhtin se imbuíu da *filosofia do diálogo* do filósofo, teólogo e jornalista austríaco Martin Buber, na qual, sua principal obra, publicada em 1923, “*Ich und du*”, foi traduzida no Brasil em 1977, com a tradução de nome *Eu e tu*.

princípio basilar e fundador da teoria em questão, elemento constitutivo da estética filosófica de Bakhtin. O autor afirma que a língua não é dialógica, isto é, a língua é um sistema de signos, mas, se postos em enunciados concretos, adquirem materialidade na língua.

O diálogo, para além do exposto, acontece também e, cotidianamente; em relações verbo-visuais<sup>5</sup>, como pontua Brait (2013), entendendo-a como várias modalidades do verbal, isto é, o falado, o escrito, o sinalizado e o sógnico, propriamente. O diálogo se constitui com e na relação com outros diálogos pré-existentes na cadeia discursiva – nessa seara os enunciados são irrepitíveis e “inéditos”, pois ao dizer, por exemplo que “é preciso ter atitude política”, o enunciado carrega consigo uma dada valoração social, uma dada entonação por parte do locutor e uma dada apreciação – enfim, acontecimentos únicos daquele evento, cada enunciado é um novo e único acontecimento. O diálogo sempre é preche de resposta, assumindo o sujeito um papel *responsivo-ativo* frente àquele discurso, que sempre ressoará outros ecos, outras lembranças e outros enunciados.

É, portanto, no interior do discurso que o dialogismo ganha corporeidade analítica, podendo ser compreendido por três aspectos. Em primeiro lugar, o dialogismo constitutivo, segundo o qual é possível, por meio da interação e intersecção entre os seres, a comunicação entre o eu e o *outrem*, trazendo para si a ideia de irrepitibilidade do enunciado e a relação com discursos alheios que o antecedem e o interpelam em processos discursivos.

O segundo aspecto, atém-se na intertextualidade no interior do discurso, é o dialogismo composicional em que “trata-se da incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro (s) no enunciado. [...] São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso” (FIORIN, 2006, p. 32). É Volóchinov, em específico, na obra *MFL* (2017) que vai tematizar o funcionamento real do enunciado na categorização do discurso citado, do discurso direto, do discurso indireto livre e, por fim, discurso alheio (ou do outrem).

Referente ao terceiro dialogismo, tem-se como primazia o sujeito não assujeitado, ou seja, ele age conforme suas vontades, conforme seu princípio de ação no mundo e atrelado às estruturas sociais ao qual se vincula, haja vista que a realidade não é heterógena, dessa forma, o sujeito absorve diferentes percepções do mundo e esferas ideológicas, ao mesmo tempo que se constitui discursivamente. Vemos, nesse sentido, que o *eu-para-mim* e do *eu-para-os-outros* ocupa uma posição ética, filosófica e fundamental na teoria bakhtiniana.

Já no fulcro das relações dialógicas, entendo que a Metalinguística – compreendida no escopo extralinguístico da linguagem – está intimamente ligada “às relações dialógicas (inclusive as relações do falante com sua própria fala) são objetos da Metalinguística” (BAKHTIN, 1963, p.182). Em *POD*, conforme já exposto, é o momento pelo qual Bakhtin gesta a proposta da Metalinguística, porém, no adentrar dos capítulos, percebemos que o teórico extrapola o texto verbal e aponta para uma dimensão extraverbal da linguagem.

---

<sup>5</sup>, Brait (2013), no bojo dos estudos da Análise Dialógica do Discurso (ADC), pontua a verbo-visualidade como um enunciado concreto que é materializado em determinado plano discurso com o qual dialogam o verbal e o visual. O gênero jornalístico, por exemplo, é construtivamente verbo-visual, uma vez que a presença de desenhos, ilustrações, infográficos, gráficos, etc; subjzagem a esse projeto discurso do verbo-visual.

Nessa perspectiva, a proposta bakhtiniana, nos moldes da Metalinguística, tem por interesse a exterioridade, isto é, o exotópico, o excedente da visão estética, mais vinculado ao campo da literatura; e do extralinguístico propriamente dito, o extraverbal, o não sinalizado, o não-finalizado. No mesmo ano da primeira publicação de *POD*, em 1929, Volóchinov publica *MFL*, pelo qual a linguagem, para além do verbal e extraverbal em Bakhtin, tem para si o signo ideológico, que reflete e refrata a bivocalidade da palavra que, para o autor, é sígnica.

Nesse direcionamento, as diferentes formas de conceber as relações dialógicas confluem, *a priori*, em categorias de análises que contribuem para uma teoria/análise dialógica do discurso, na qual se apresenta sem configurar uma proposta fechada, ao contrário, a teoria interpela noções, categorias e *corpus* metodológicos voltados ao princípio norteador da teoria bakhtiniana: a linguagem como ato discursivo empreendido por diferentes sujeitos do enunciado.

### 3 Filosofia da linguagem: a palavra como unidade sígnica

A palavra ocupa um lugar central na compreensão da teoria bakhtiniana e nos estudos da filosofia dialógica da linguagem. Dentro da linguística tradicional, a palavra passou por diversos momentos de categorizações e funções – complexas – diga-se de passagem, mas aqui elencamos duas: a organização da língua de acordo com a origem das palavras; e a outra, concebendo-a como funcionamento sistemático da língua em diferentes níveis. No nível fonológico, por exemplo, determinou a unidade formada por fonemas, sílabas e traços suprasegmentais, o que depreende, nesse sentido, a percepção e apreensão “intuitiva” da palavra por meio da sonoridade e, no nível da sintaxe, da palavra como elemento mínimo da estrutura sintática da língua. Bakhtin, que foi professor de gramática do ensino em duas escolas no interior da Rússia entre 1937-45, já afirmava em “Questões de estilística no ensino de língua” (2013) que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve em conta seu significado estilístico” (BAKHTIN, p. 23). Dito de outro modo, Bakhtin dá à palavra uma historicidade, considerando-a em sintonia com aspectos semânticos e ideológicos (sentido/valorização), não desprezando os aspectos estilísticos da língua (sintaxe, por exemplo).

Podemos perceber a palavra em diferentes níveis, para além dos apresentados, vistos aqui a partir do discurso, a palavra é uma arena de embate e de classes. O professor e pesquisador Paulo Stella categoriza a palavra em quatro propriedades definidoras: a pureza semiótica, que se refere à depreensão sígnica em uma dada esfera ideológica; a interiorização, que configura a valorização e as matizes impregnadas à palavra pelo sujeito; a participação do todo consciente, que diz que a palavra não se encontra em determinado ponto da consciência humana mas “tanto nos processos internos da consciência por meio da compreensão e interpretação do mundo pelo sujeito, quanto nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas” (2005, p.179).

Por fim, a neutralidade da palavra, na qual, a depender da esfera ideológica, o signo pode assumir certa modalização, isto é, a cada momento de seu uso, ele assume certa posição axiológica. Em *MFL*, Volóchinov (2017) enxerga a palavra como produto ideológico vivo, isto é, produto vivo da materialidade social, afirmando que:

Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu a outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra



no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLOCHINOV, 2017, p. 205).

A palavra, desde a antiguidade clássica, é alvo de debates e definições, especialmente em Platão, no Crátilo, com a discussão entre pensamento e linguagem que, de modo amplo aos estudos filológicos, tinha – e tem, mas não fixo nisto – a função de estabelecer a articulação entre o som (fonético-fonológico) e o objeto (pensamento). Volóchinov diz em *MFL* que “a palavra é um fenômeno ideológico *par excellence* [...] e para complementar tal raciocínio afirma “a palavra é *médium* mais apurado e sensível da comunicação social (2017, p. 98-99).

Bakhtin busca sustentação filosófica em Humboldt e Vossler<sup>6</sup> para tecer sua síntese marxista russa no campo da linguagem. Humboldt, no livro “*Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*” (1831-1835), traduzido para o espanhol sob o título “la diversidade de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad” (1990), escreve que “chamamos palavra ao signo que corresponde a um conceito” (HUMBOLDT, 1990, p.98). Humboldt, que estudou a teoria platônica e kantiana, tinha a palavra (para além dos sons articulados no consciente) como representação *sígnica* da realidade, isto é, do real, embora sua natureza não se encerre nessa função.

Vossler, ao contrário de Humboldt, centra sua estética filosófica na consciência individual, o autor compreende o falante inerte a suas motivações e a escolhas linguísticas e estéticas, dando primazia à subjetividade idealista e afastado do contexto imediato (DOMINGUES, 2017). Diferentes destes teóricos alemães, para os russos, tais como Bakhtin e Volóchinov “a consciência individual é um fato sociológico” (VOLÓCHINOV, 2013, p.35), ou seja, não pode ser estudado fora do contexto e das manifestações ideológicas e *sígnicas* que ali por ventura se apresente.

A palavra, nesse sentido, é sempre dotada de valor *sígnico* que, quando materializada no discurso adquire *status* de signo e, por conseguinte, é atrelado a uma determinada função ideológica. Bakhtin afirma que o signo é sempre refletido e refratado, nessa seara, a relação *sígnica* ocorre entre a representação material e o sentido propriamente, que são estabelecidas socialmente. Para melhor esclarecer a relação entre função ideológica e signo, o autor assevera,

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo que é ideológico possui significação sígnica* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor).

A palavra, pois, na acepção bakhtiniana é ideologicamente neutra. Isto significa que circunscrita em certa esfera discursiva, a exemplo do discurso científico, religioso, entre outras, ela assume função ideológica. Na atualidade, se pensarmos na palavra “nuvem”, por exemplo, podemos supor alguns significados por parte do falante e da

<sup>6</sup> Humboldt é considerado o fundador da linguística geral, centra sua síntese na filosofia da linguagem entendida a partir do entendimento imanente do consciente. Vossler, ao contrário, constrói sua filosofia da linguagem na estética individual do falante que emerge diferentes motivações na língua.

situação comunicacional discursiva. Se antes, a palavra caracterizava qualquer acúmulo de pó, fumaça, etc.; em suspensão no ar e que pode dar origem às chuvas, na modernidade, já podemos atribuir ao signo diferentes significados como referente ao serviço de armazenamento de dados de forma digital, chamado comumente de nuvem. Nesse sentido, a representação sígnica opera sempre se opondo a outros signos e apresenta-se como um recorte da realidade social, física ou natural.

Na mesma acepção da palavra, Volóchinov (2019) entende-a como uma arena de lutas de classes, de dissidência de opiniões e de diferentes interesses orientados por uma valoração ideológica. Para o componente do Círculo, toda palavra é neutra, isto é, no exemplo dado no parágrafo acima, em todas as palavras mencionadas, se pensarmos de forma abstrata, ela é “neutra”, ou seja, apenas um termo isolado; mas, ao adentrar no contexto semântico-ideológico, passa a assumir diferentes matizes em um dado enunciado.

Como explanado, diversas são as conceituações e definições teóricas abarcadas em torno da palavra, mas, neste artigo, o intuito foi trazer à tona a concretude social e valorativa feita pelo Círculo, em especial Bakhtin e Volóchinov, que compreendem a palavra pelo viés da comunicação/interação cultural, deixando de ser um objeto/termo autossuficiente e assumindo seu papel axiológico, valorativo e ideológico.

### Considerações finais

No limiar da construção da teoria bakhtiniana, pesquisadores brasileiros vislumbravam uma filosofia da linguagem que não ficasse estancada à compreensão do Bakhtin da estética literária – do romance polifônico, do romance como gênero por excelência, etc., – ou da linguística, por meio do dialogismo que, para leitores iniciantes, abarca inúmeros outros conceitos distintos trazidos pela teoria. Em contraponto, neste artigo, apontou-se a Metalinguística, proposta pelo Bakhtin, sob o viés verbo-visual da linguagem, o sígnico, o não-finalizado, metodologia que se defronta e distingue do dialogismo – como princípio constitutivo da linguagem – e as relações dialógicas – princípio constitutivo da Metalinguística.

Desse modo, a palavra entra na arena do discurso como intermédio não-sinalizado na perspectiva bakhtiniana. Neutro, mas que adquire *status* sígnico ao assumir diferentes valorações semântico-ideológicas e valorativas que apontam para uma filosofia da linguagem de cunho bakhtiniano e Análise Dialógica do Discurso, de maior reflexão, que estão fora do escopo deste artigo. Compreender, portanto, a teoria bakhtiniana a partir do apresentado é colocar-se em incessante ato ético de refutação e de inconclusibilidade para com o *eu-para-mim-mesmo* e do *eu-para-os-outros*.

---

### Referências

---

BAKHTIN, Mikhail. *Problémi tvórtchestva Dostoiévskogo*. [Problemas da obra de Dostoiévski]. Leningrado: Priboi, 1929.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Bernardini *et al.* 6ª. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino de língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova América. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [1963].

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Revista Bakhtiniana*, v. 08, n.02, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568/12909>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BEZERRA, Paulo. Uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013 [1963].

DOMINGUES, Taciane. O Círculo de Bakhtin e o Idealismo Alemão: relações entre pensamento e língua. *Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 641-654. DOI: 10.21165/el.v46i2.1642. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1642>. Acesso em: 04 fev. 2022.

FIORIN, José. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

GRILLO, Sheila. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. *Horizontes*, v. 24, n. 02, p. 121-128, jul/dez, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/28336>. Acesso em: 02 fev. 2022.

HUMBOLDT, Wilhelm. *La diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Tradução e prólogo de Ana Agud. Barcelona: ANTHROPOS, 1990.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 3ª. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012 [1967].

PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. *Revista Estudos da linguagem*, v. 21, n. 01, p. 239-258, jan/jun, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125169/ISSN0104-0588-2013-21-01-239-257.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

STELLA, Paulo. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova América. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poesias*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Volkova América. São Paulo: Editora 34, 2019.

---

### Para citar este artigo

---

BOMFIM, Antonio Victor Silva. Dialogismo, relações dialógicas e a palavra como unidade sígnica: princípios norteadores da teoria bakhtiniana. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 930-941, set.-dez. 2022.

---

### O autor

---

**Antonio Victor Silva Bomfim** é graduando em Letras com dupla habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas e Língua Inglesa e suas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus/BA. Professor de Língua Portuguesa e Inglesa da Educação Básica, e integra o Grupo de Pesquisa Linguagens, Discurso e Sociedade - LINDES (IFBA/CNPq). E-mail: [avsbomfim.let@uesc.br](mailto:avsbomfim.let@uesc.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1676-0130>